

Créditos

Anais do I Encontro Internacional da Rede Latino-americana de Cultura Gráfica e
III Rastros Leitores – Seminário Internacional da Edição e do Livro

Anales del I Encuentro Internacional de la Red Latinoamericana de Cultura Gráfica y
III Rastros Lectores – Seminario Internacional da la Edición y el Libro

ISBN: 978-65-87888-28-6

14 a 16 de setembro de 2023 / Escola de Design e Academia Mineira de Letras
– Belo Horizonte – Minas Gerais
www.even3.com.br/redcg_rastros/

Os artigos foram reproduzidos como nos originais enviados pelos autores, os quais são responsáveis pelo conteúdo e informações neles apresentados.

REALIZAÇÃO

Rede Latino-americana de Cultura Gráfica

Centro de Investigaciones em Arte y Patrimonio CIAP-EAYP_UNSAM-CONICET

Programa de Pós-graduação em Design – Escola de Design – Universidade do Estado de Minas Gerais

Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – POSLING – CEFET-MG

Encontro Internacional da Rede Latino-americana de Cultura Gráfica (1. : 2024 : Belo Horizonte, MG)

Anais do I Encontro Internacional da Rede Latino-americana de Cultura Gráfica e III Rastro de Leitores [recurso eletrônico]: seminário internacional da edição e do livro/ Belo Horizonte: CEFET-MG, 2024.

317 p.; il., color

E-book no formato PDF

ISBN : 978-65-87888-28-6

1. Livros – Diagramação - Congresso. 2. Editores e edição - Congresso. I.Título.

CDD: 070

Sumário

A coleção de tipos móveis da Tipografia Matias: valor cultural e simbólico na era digital **9**
Rafael Neder; Sérgio Antônio Silva

Artefatos que carregam a memória das letras: catálogos de tipos de impressores e de fundidoras como fontes de preservação da cultura da impressão **23**
Jade Samara Piaia

Cantorias: desenvolvimento de fonte digital através da prática de resgate tipográfico **48**
Gabriela Paolla Barros

Casa-grande & senzala e seus vizinhos: notas sobre um livro em diferentes coleções **63**
Fábio Franzini

Como um tigre que ruminasse: sobre práticas de leitura-escrita, edição e publicação no projeto escrita em artes **70**
Aline Dias; Diego Rayck

Cultura gráfica e tipografia vernacular na paisagem urbana de Governador Valadares **86**
Rebeca Dias Reis; Victor Boehler Torres; Emerson Nunes Eller

Deboche gráfico: líderes políticos por Pedro Moraleida **101**
Thiago José Santos de Alcântara

Design do livro digital: similitudes inevitáveis? **110**
Germana Gonçalves de Araujo

Estudiar las prácticas editoriales: la experiencia de trabajo con el archivo histórico de la editorial Paidós **127**
Patricia Piccolini

Itacolomi: arquivo, memória gráfica e práticas em design de tipos **136**
Emerson Nunes Eller

La imagen tipográfica en los repertorios de letras en tipo móvil que conforman el acervo de la Universidad del Cauca **159**
Laura Judith Sandoval Sarmiento



Como um tigre que ruminasse: sobre práticas de leitura-escrita, edição e publicação no projeto *Escrita em artes*

Like a ruminating tiger: about reading-writing practices, editing and publishing in the 'Writing in arts' project

Aline Dias

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Artes Visuais, Vitória, ES, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0087-4934>

Diego Rayck

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Artes Visuais, Vitória, ES, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5324-1057>

Resumo

O texto aborda a relação entre arte e escrita a partir dos livros *escrita em artes*; *Como um tigre que ruminasse e É perigoso, ela avisa*. As três publicações foram desenvolvidas no projeto *Escrita em artes* na Universidade Federal do Espírito Santo tendo como objetivo o estímulo à leitura e à experimentação textual na arte contemporânea. Embora cada livro mobilize estratégias editoriais específicas, os três trabalhos têm em comum o vínculo institucional, a dimensão colaborativa da produção de estudantes e professores e a compreensão do livro como dispositivo de aprendizado e de prática artística. Além de relatar o processo e o contexto do projeto, dialogamos com as reflexões de Kate Linker e Anne Moeglin-Delcroix acerca de publicações de artista e de Ulises Carrión sobre o livro como sequência espaço-temporal. Compreendemos o livro como propulsor de experiências artísticas, retomando a imagem paradoxal de um tigre ruminando, como faz um boi na sua lentidão vegetariana.

Palavras-chave

Arte contemporânea; leitura; escrita em artes; publicação de artista; dispositivo de aprendizado

Abstract

The text addresses the relationship between art and writing in the books: Escrita em artes; Como um tigre que ruminasse and É perigoso, ela avisa. The three publications were developed in the 'Writing in arts' project at the Federal University of Espírito Santo with the aim of encouraging reading and textual experimentation in contemporary art. Although each book mobilizes specific editorial strategies, the three works have in common the institutional connection, the collaborative dimension of the production of students and teachers and the understanding of the book as a dispositif for learning and artistic practice. In addition to reporting the process and context of the project, we dialogue with the reflections of Kate Linker and Anne Moeglin-Delcroix about artist publications and of Ulises Carrión about the book as a space-time sequence. We understand the book as a propeller of artistic experiences, resuming this paradoxical image, of a tiger ruminating, like an ox does in its vegetarian slowness.

Keywords

Contemporary art; reading; Writing in arts; artist publications; learning dispositif

1 Sobre práticas de leitura-escrita, edição e publicação no projeto escrita em artes

O texto aborda a relação entre arte e escrita a partir do processo de concepção, produção, edição e publicação dos livros *Escrita em artes* (Dias, Rayck, 2019); *Como um tigre que ruminasse* (Dias, Rayck, 2019) e *É perigoso, ela avisa* (Dias, Rayck, 2021). As três publicações foram desenvolvidas entre 2018-22, no contexto do projeto *escrita em artes*, que, entre 2017-20, foi um projeto de ensino e, a partir de 2021, um projeto de extensão. Em ambas as instâncias o projeto foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, tendo como objetivo o estímulo à leitura e à experimentação textual, bem como a promoção do potencial emancipatório da escrita. Motivado a enfrentar algumas das dificuldades e lacunas diagnosticadas nos estudantes, o projeto pauta-se na importância da escrita para inserção na esfera profissional e, principalmente, na redistribuição do acesso aos recursos sociais e simbólicos no campo da arte.

Embora cada um dos livros mobilize questões, formatos e estratégias editoriais específicas, os três trabalhos têm algumas características em comum: primeiro, *a dimensão colaborativa da produção*, desenvolvida coletivamente por estudantes e professores, incluindo as diferentes etapas editoriais de formulação conceitual, recorte temático, produção e seleção dos textos, organização e reflexão sobre o encadeamento sequencial, produção de imagens, digitalização, tratamento dos arquivos, revisões. A mesma metodologia colaborativa é adotada na criação do projeto gráfico, com a participação de estudantes nas escolhas de materiais, formato, fontes tipográficas, bem como no uso de software de editoração, apoio na distribuição e organização de lançamento, mobilizando soluções para responder às restrições financeiras e contingenciais nas diferentes etapas da produção de cada publicação. Levando em conta que apenas o primeiro livro contou com recursos financeiros para a impressão em gráfica, nos demais livros tais tarefas envolveram também encadernação, costura, refile e a formulação de estratégias inventivas para otimizar e baratear os modestos recursos e a formação de mutirões para viabilizar a execução dos trabalhos manuais.

Consideramos preciosos a colaboração e os contágios que a dinâmica do grupo confere aos textos escritos individualmente. O grupo de estudos é compreendido justamente como um espaço de troca, oportunizando mostrar e partilhar o que cada estudante desenvolve na solidão da escrita e de generosamente dedicar o seu tempo para ler e conversar sobre o que escrevem seus colegas.

A edição coletiva coloca em discussão muitos desejos e anseios. Ao mesmo tempo, tem sido surpreendentemente estimulante e envolvente. Diante do desafio que é engajar os estudantes em sala de aula, o projeto tem apontado para recursos didáticos valiosos. Enquanto a atribuição de leituras ou o acolhimento de projetos individuais nas unidades curriculares esbarram em

diversos dificultantes, incluindo a procrastinação, as propostas de publicações coletivas feitas no projeto têm agregado e mobilizado estudantes de forma notável: são os encontros com maior adesão e que despertam as atitudes mais participativas, nos quais todos expõem ideias e apresentam crescente disponibilidade para assumir tarefas e delinear competências novas.

Foi neste sentido, experimentando mesmo, que assumimos a segunda característica, que é a *compreensão do livro como dispositivo de aprendizado e de prática artística*, encorajando com entusiasmo a experiência de não saber, da descoberta ativa dos meios de pensar-fazer cada livro, encontrando, imaginando e experimentando recursos para sua materialização. Mesmo trabalhando com uma noção orientadora inicial, cada elemento novo que encontramos na sucessão de etapas e nos cruzamentos dos processos de trabalho interfere no andamento do projeto, impactando sua concepção e o processo contínuo de formação. Recusando prescrever, impor normas e mesmo antecipar ou organizar demasiado as etapas editoriais, cada grupo de estudantes enfrenta em nossa companhia a percepção dos desafios, das etapas percorridas e a percorrer nos encontros e na observação muito próxima do que faltava (ou sobrava) no processo de construção das publicações.

Figura 1: Processo de produção da publicação *Como um tigre que ruminasse* (2019-2021), vista do Laboratório de Litografia, Cemuni II, Centro de Artes, UFES.



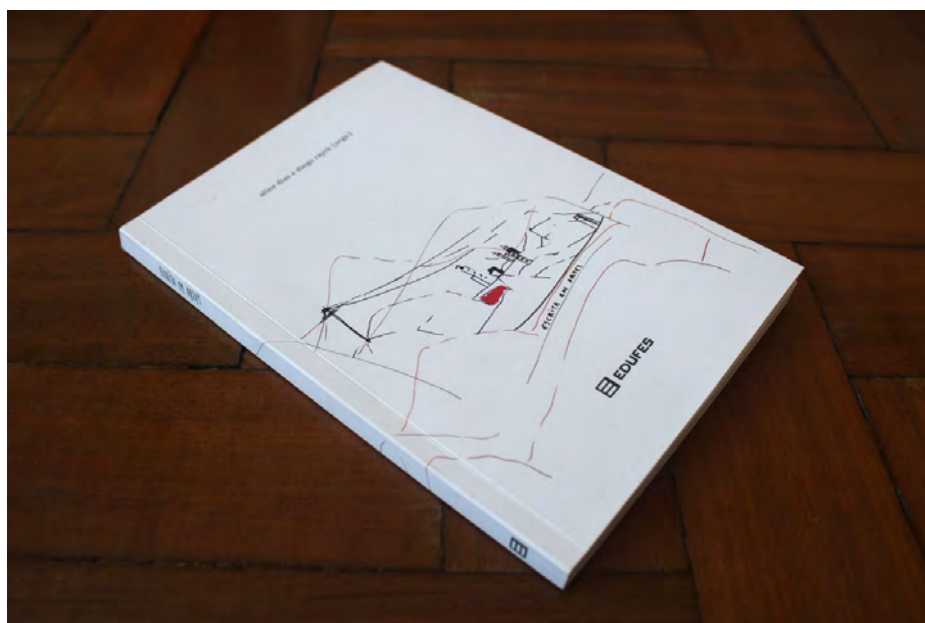
Fonte: Fotografia dos autores (2021).

A terceira característica em comum nestas três publicações é que, sendo tais propostas vinculadas a projetos de ensino, de extensão e de pesquisa realizados na Ufes, há o destaque à *dimensão pública do livro e da publicação* e à importância das instituições que as viabilizam. Percebemos nestes trabalhos possibilidades de experimentação e pesquisa na universidade muito diferentes do contexto do mercado editorial no que se refere à hierarquia, especialização e profissionalização de etapas e equipes.

1.1 Escrita em artes

O primeiro livro, *escrita em artes*, foi desenvolvido no projeto de apoio curricular homônimo, realizado de 2017 a 2020, vinculado ao Programa Institucional de Apoio Acadêmico da Pró-Reitoria de Graduação da UFES. Este projeto de ensino foi dedicado a estimular a produção textual de estudantes dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais e Bacharelado em Artes Plásticas, buscando o estímulo à leitura e à escrita experimental para a apropriação sensível e crítica da escrita. Narramos e refletimos sobre as inúmeras perguntas, desafios e experiências que o compuseram o projeto de ensino em dois ensaios no livro (Dias, Rayck, 2019), elaborado em 2018, reunindo experiências textuais e desenhos de estudantes e professores participantes. Uma vez que o projeto era caracterizado por este caráter experimental e coletivo, quando o livro foi acolhido pela Edufes para impressão dos 300 exemplares, precisamos atravessar um longo processo de adequação do material às normas da editora.

Figura 2: Capa da publicação *Escrita em artes* (2019)



Fonte: Fotografia dos autores (2019).

Ao longo dos encontros semanais de trabalho em 2018, que incluíam propostas de exercícios, conversas e orientações individualizadas, enfatizamos aos estudantes a importância da prática

continuada em cadernos com anotações e esboços como dispositivo de enunciação, tendo como referência-antecedente a pesquisa *Cadernos de desenho* (Dias, 2011). A partir desse entendimento, cada um dos participantes trouxe cadernos e pastas com desenhos que foram apresentados, debatidos, reelaborados e, após processo de edição conjunta, deslocados e acolhidos nas páginas do livro. A partir desta chamada informal de desenhos e ideias para compor o livro em diálogo com os textos dos próprios estudantes envolvidos, formulamos coletivamente a capa. Utilizamos um desenho de Jessica Sampaio, editado com sugestões e demandas formuladas coletivamente pelo grupo. E a caligrafia usada no título deste primeiro livro foi adotada desde então como logo do projeto *Escrita em artes*. O livro apresentou as referências fílmicas e bibliográficas listadas coletivamente e não normatizadas, mas manuscritas e desenhadas por Anielle Paola.¹

1.2 Como um tigre que ruminasse

Como um tigre que ruminasse foi nossa segunda publicação, impressa pela Prograd em parceria com a Editora Nave, com uma primeira edição de 50 exemplares, seguida de uma 2ª edição, também de 50 exemplares costurados e montados de forma artesanal pela equipe. Desenvolvida e finalizada em 2019, a publicação contou com modestos recursos financeiros, usando a impressora digital da universidade e costura manual. Para a capa, produzimos carimbos a partir do título manuscrito por Jessica Sampaio e do desenho de um tigre, desenhado por Diego Rayck, aplicados respectivamente na primeira e quarta capa com tinta vermelha, uma vez que não dispúnhamos de recursos para impressão em papéis de mais expressiva gramatura. Em função da reduzida tiragem e do caráter educativo do projeto, além da distribuição voltada para os autores, artistas e colaboradores², enviamos exemplares para bibliotecas de universidades,

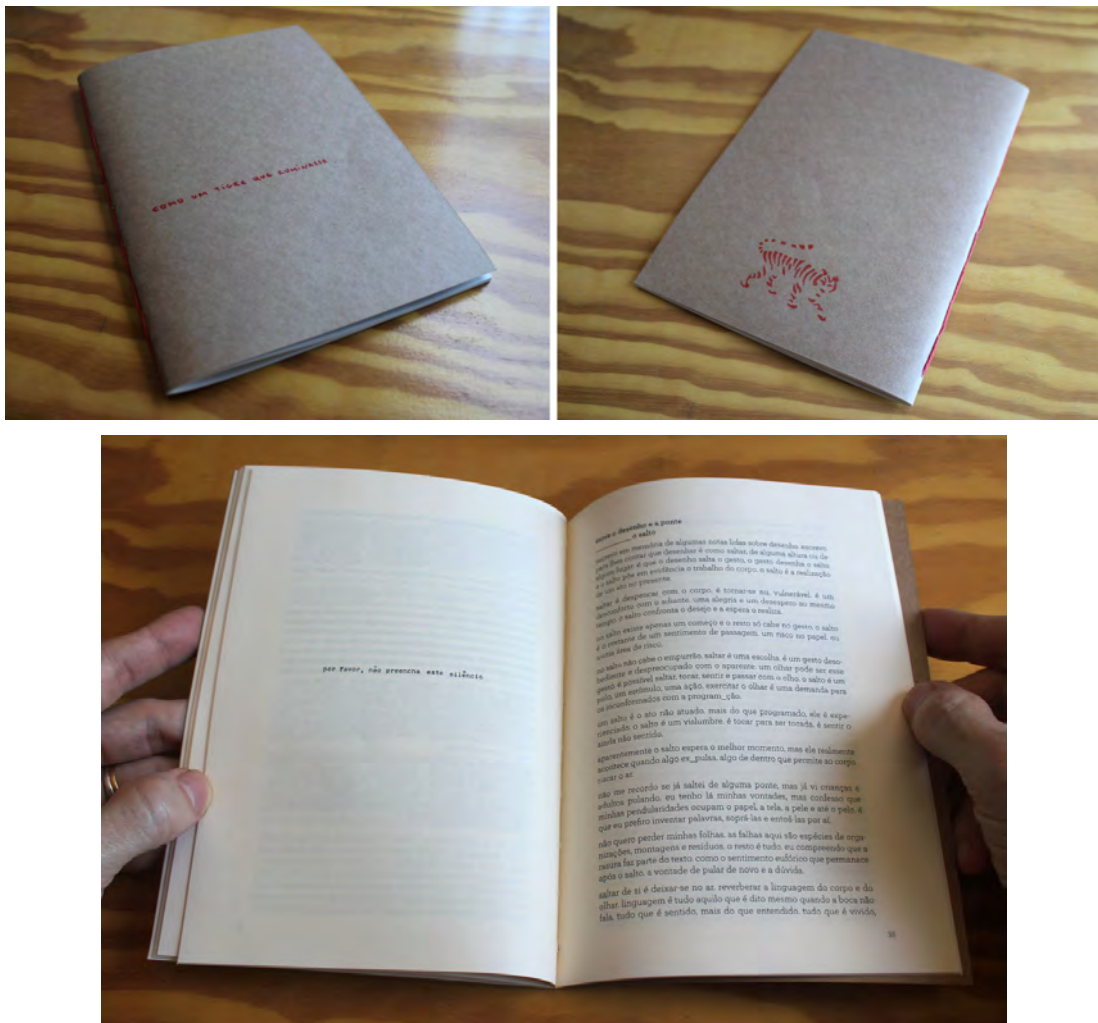
¹ A organização do livro *Escrita em artes* e os ensaios de apresentação e sobre escrita foram desenvolvidos por nós, Aline Dias e Diego Rayck, como coordenadores do projeto. O livro inclui um texto da artista e professora da Universidade Estadual de Londrina UEL Elke Coelho, que participou do projeto como palestrante convidada, uma autoentrevista de Rafael Pagatini, que nos antecedeu no projeto, durante o primeiro semestre de 2017 e imagens e experiências textuais de Camila Silva, Yurie Yaginuma, Viviane Erler, Rafaela Stein, Anielle Paola, Jakslaine Silva da Penha, Jéssica Sampaio, Cristina Valladares, Sônia Lucas, Aghata Santos, Toninho, Ana Poubel, Álvaro Leite, Natália Farias, Josélia Andrade, Elvys Chaves, Heitor Andrade Amorin, Carla Desirée e Leandro Pereira, estudantes participantes da edição de 2018 do projeto. O livro foi financiado pela PROGRAD UFES e publicado pela Edufes, cuja viabilização deve muito ao apoio encorajador de Patrícia Falcão, servidora que dava suporte ao Programa Institucional de Apoio Acadêmico e da Profª Zenólia Figueiredo, na época Pró-Reitora de Graduação. Disponível em: <https://escritaemartes.wordpress.com/2020/06/12/escrita-em-artes-livro/> Acesso em: 29 set. 2023.

² A publicação *Como um tigre que ruminasse* foi desenvolvida por integrantes do projeto em 2019: Aline Dias, André Rezende, Anielle Paola, Bárbara Thomaz, Diego Rayck, Heitor Andrade A., Jakslaine Silva da Penha, Jéssica Sampaio, Jô Araújo, João Marcos Kill, Josélia Andrade, Mayara Gouveia, Pietra Araújo, Rafaela Stein, Sulamita Marques Correia da Rocha, Vivian Siqueira, Yurie Yaginuma. Também inclui trabalhos das artistas Raquel Stolf e Julia Amaral, do PPGAV-UDESC, palestrantes convidadas do projeto em 2019. Disponível em: <https://escritaemartes.wordpress.com/2020/07/03/publicacoes/> Acesso em: 29 set. 2023.

museus e espaços culturais via postal. Em 2022, no refluxo da pandemia, realizamos um lançamento no Museu de Artes do Espírito Santo, onde distribuímos uma quota de 25% dos exemplares.

Nesta publicação, orientada pela noção de correspondência, reunimos uma série de cartas redigidas pelos integrantes do projeto na tentativa de perceber os movimentos de endereçar e de ser endereçado. Com as cartas tentamos construir um espaço compartilhado e também presentificar nossos interlocutores, incluindo entre os destinatários tanto artistas quanto autores falecidos, como Stela do Patrocínio e Chris Marker, quanto futuros possíveis leitores, como na carta destinada indeterminadamente a uma estudante prestes a desistir de seu curso. Estas questões ajudaram a conferir inteligibilidade para as experiências e reflexões que desenvolvíamos naquele momento de turbulências do contexto nacional, quando se fazia tão urgente elaborar estratégias de autopreservação.

Figura 3: Capa e miolo da publicação *Como um tigre que ruminasse* (2019-2021).



Fonte: Fotografia dos autores (2021).

Figura 4: Processo de produção artesanal dos exemplares de *Como um tigre que ruminasse* (2019-2021).



Fonte: Fotografias de João Marcos Kill. Arquivo dos autores (2021).

1.3 É perigoso, ela avisa

Durante a pandemia, com o projeto vinculado à extensão universitária, nosso terceiro livro foi realizado com o título *É perigoso, ela avisa*, emprestado dos versos da poetisa Adília Lopes.

Deslocamos para o título estes dois versos (é perigoso / ela avisa) do poema de Vivian Siqueira que, por sua vez, deslocou o perigo, tomando-o como um aviso, do título do primeiro livro de poemas de Adília Lopes, intitulado *Um jogo bastante perigoso*. Hoje, tudo é perigoso. Tudo. E no Brasil mais ainda. Este é um lugar perigoso, vide as alarmantes estatísticas de feminicídios, crimes de ódio, assassinatos de jornalistas, mulheres, pessoas trans, povos indígenas, negros, ativistas e as mais de 600 mil pessoas que morreram em decorrência de covid-19, desde o ano passado no país. Mas, como aponta a poetisa, seria ainda mais difícil sobreviver emocionalmente, mentalmente, sem escrever. (Dias, 2021, p. 6).

Durante a pandemia, mediante encontros *online*, a distância e a restrição das telas foram um desafio para manter a cumplicidade e a proximidade que havíamos construído, sobretudo no momento de editar coletivamente o conjunto do material, que foi impresso quando do retorno às atividades presenciais da universidade. O livro tem uma tiragem de 68 exemplares e também foi viabilizado com poucos recursos para produção artesanal³. Da leitura de Audre Lorde e de Gloria Anzaldúa, ressaltamos pela publicação que escrever é perigoso, é ousado e é forma de proteger nossa integridade, sobretudo no problemático período da história recente do país.

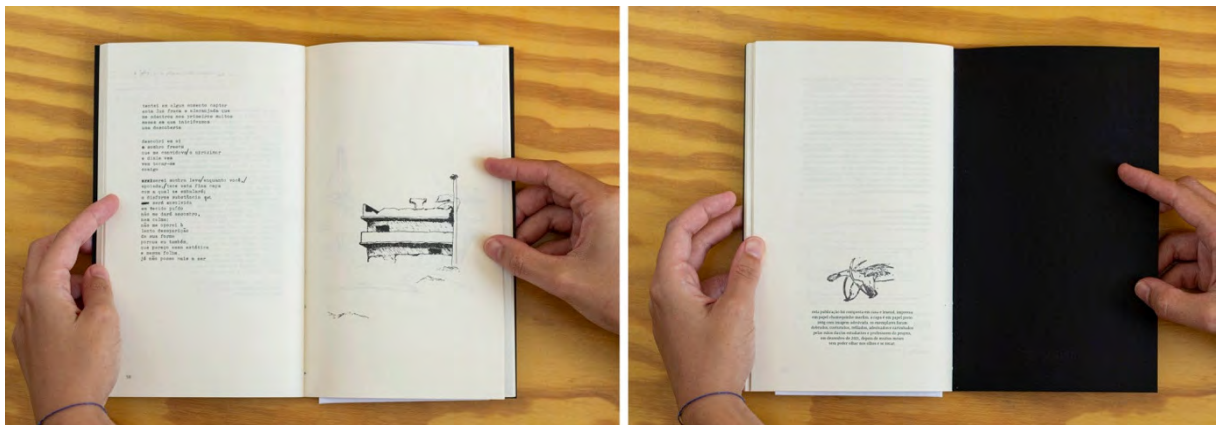
E por que poemas? Tateamos uma resposta pensando que, na poesia, o que escrevemos e como escrevemos se atam. Da mesma forma, nos trabalhos de artes visuais que envolvem a palavra escrita, os enunciados e suas materializações não podem ser dissociados, numa conexão entre ler-ver. Exploramos as possibilidades ensaística e experimental da poesia, como um exercício para nos ajudar a nomear, narrar, imaginar sem precisar de grandes quantidades de folhas e de horas. Diante da convergência visual-material-discursiva tanto na forma poética quanto dos usos da palavra nas artes visuais, a publicação focou nos espaços em branco junto aos poemas, desenhos de plantas, de uma mesma paisagem de Vitória a partir dos diferentes pontos de vistas das casas onde estávamos, fotografias, assim como no uso de diferentes superfícies para as palavras, escritas em pães, ovos e janelas de ônibus, como sugerem as imagens fotográficas de Heitor Amorim que integram o livro.

Percebemos que esses *bichos poemas*, como descritos por Vivian Siqueira no livro, “insistem em uma intransferível contiguidade com a vida. Os encontros nos poemas, entre poemas com que escrevemos, lemos e vemos” (Dias, 2021) permitiram aproximar dispositivos literários e gráficos mais do que fizemos nas publicações anteriores. Nesta publicação, também convocamos uma presença animal, a de um tamanduá-mamute a partir do desenho de Vivian Siqueira que foi carimbado no colofão, onde também descrevemos o processo artesanal do livro pelas mãos de estudantes e professores “depois de muitos meses sem poder olhar nos olhos e se tocar” (nas palavras de Yurie Yaginuma no colofão de Dias, Rayck, 2021). Aprendemos uma costura nova para a encadernação, ponto corrente, usando linha azul e criando um intervalo. Encontramos uma gráfica disponível para refilar o livro sem custos, desejando um formato um pouco mais alongado para dialogar com a verticalidade dos versos. Adesivamos na capa, sobre papel preto, uma imagem colorida, de pequena dimensão: um print da tela barroca, fragmento da casa de

³ Os poemas e desenhos foram produzidos por Aline Dias e Diego Rayck (organizadores), Elisabete Amorim, Guilherme Medeiros, Heitor Andrade, Jakslaine Silva da Penha, Jessica Bastos, Jéssica Sampaio, Joelma Araujo, Piêtra Araújo, Rafaela Stein, Sulamita Marques, Vivian Siqueira e Yurie Yaginuma, contando com um posfácio de Elke Coelho. Disponível em: <https://escritaemartes.wordpress.com/2022/05/06/e-perigoso-ela-avisa/> Acesso em: 29 set. 2023.

Jakslaine Silva da Penha, que víamos durante os encontros nas telas de nossos computadores e aparelhos de celular. E incluímos, ainda, um encarte intitulado *cochonilha*, também de Jaks.

Figura 5: Capa e miolo da publicação *É perigoso, ela avisa* (2021).



Fonte: Fotografias dos autores (2021).

Figura 6: Processo de produção artesanal da publicação *É perigoso, ela avisa* (2021).



Fonte: Fotografias dos autores (2021).

2 Como o processo de fazer livros pode ser pensado como prática artística?

Estas publicações, pensadas a um só tempo como dispositivos de ensino e de realização artística, expressam um interesse especial pelas práticas de leitura e escrita no campo das artes visuais e nos seus contatos com a literatura. Elas conectam nossas atividades como professores na Ufes desde 2016 com as experiências que desenvolvemos prévia ou simultaneamente com publicações de artistas. Através do projeto ainda inacabado de uma editora, hoje um selo editorial chamado *corpo editorial*, desenvolvemos edições auto publicadas com poucos recursos pessoais ou viabilizadas mediante editais culturais⁴.

Nesta trajetória, pensamos o livro como uma espécie de aglutinador, condensador ou propulsor de experiências artísticas. É importante destacar que o livro assume um papel decisivo na formação de artistas em contextos periféricos: considerando as restrições geográficas e econômicas para viajar e ver exposições, os livros de história da arte e os catálogos de exposições foram (e são ainda) o principal lugar de encontro entre estudantes e artistas através das imagens fotográficas e da produção textual relacionada às obras, incluindo legendas e descrições, análises teóricas e críticas, depoimentos e relatos de processos. Somos a um só tempo espectadores-e-leitores, visitando exposições pelo que permanece e se prolonga de suas montagens nos espaços impressos. Na nossa formação, eram os livros que chegavam até a biblioteca da universidade e nas mesas das salas de aula trazidos pelas professoras.

Também é importante assumir as práticas de leitura e escrita no contexto dos processos artísticos fora de uma mera transmissão instrumental, e assim incluir os curtos-circuitos e os estranhamentos que a arte e a poesia fazem nos sentidos, recusando a comunicação como vetor principal da escrita. Ler é uma produção, agenciamento e trabalho associativo. Ler é construção e efeito do/no leitor. Ler não é decodificar, mas produzir, “amontoar linguagem, se deixar infinita e incansavelmente ser atravessado” (Barthes, 2012). No ensaio *Observações sobre a Escrita em artes (a partir de uma tentativa de estimular que outras pessoas escrevam)* (Dias, 2019) são comentadas as potentes imagens de ler como ficar “possuído”, como fala Flusser (2011) ou “deslocado e desenraizado”, como fala Virginia Wolf (2014). Essas imagens sugerem que o livro nos faz transpor esferas individuais e redimensionar o que cada um faz, o que cada

⁴ Pela *Corpo editorial* realizamos, entre outros títulos, alguns vinculados à projetos de pesquisa e exposições como *Cadernos de desenho* (2010-11), através do edital Elisabete Anderle, Fundação Catarinense de Cultura em Florianópolis/SC, *O trabalho com(o) fracasso* (2012), Edital de Arte Cultura, Prefeitura Municipal de Florianópolis, *Montagens nos espaços fílmico, expositivo e impresso* (2019) Programa Primeiros Projetos Fapes, *ao redor do sono* (2019), Funcultura Secult ES 2018. E, de forma independente, *revista Bolor*, *Pollyana entrevista*, *Lições de desenho*, *frases de artistas*, *quebra-pedra*, entre outros.

um vive, e mais: alterar as potências, o curso do que insiste em limitar o que cada um pode ou pensa que pode fazer e viver.

Se ler envolve esse compromisso crítico e cúmplice de assumir a função de ser um destinatário, escrever envolve a não menos árdua aventura de endereçar. No paradoxo de ficar sozinho escrevendo para sair de si e encontrar/produzir alteridade, estamos cada vez mais despreparados para lidar com solidão, imobilidade e silêncio necessários para a leitura. Sim, porque é preciso não se mover e não falar e manter o celular afastado para conseguir entrar nesse estado nada passivo, mas superconcentrado e ativo da leitura e da escrita. Escrever envolve muitas coisas interessantes e difíceis como desacelerar, olhar de outro modo, reposicionar. Envolve uma série de imprevisíveis atravessamentos. E essas características da leitura e da escrita se parecem em muito (ou em tudo) com a experiência artística.

Por sua vez, as singularidades com que artistas articulam a operação de edição e a de publicação sinalizam que fazer livros como prática artística não se restringe a escrever um texto. Tomamos como referência as ideias do artista Ulises Carrión (2011) no livro *A nova arte de fazer livros*, onde defende que a arte de fazer livros não se limita à produção do texto. Para o autor, um livro não é mostruário nem um conjunto, ou um saco de palavras, mas uma sequência de espaços e uma sequência de momentos. O livro pode conter texto, mas não é o texto, pode conter imagens, mas não é uma imagem. O livro é uma sequência de espaço-tempo, ele insiste. Um espaço-tempo construído, percorrido, ocupado, transformado (ou *transtornado*, como indicaria Barthes).

Ao relatar o contexto do projeto, podemos perceber procedimentos de produção dos livros muito próximos da prática artística. Pensar o livro não é só juntar os textos, mas formular as conexões e as materialidades e experiências. Assim como o livro não se reduz à produção textual descorporificada, as imagens em um livro também mobilizam relações singulares com outras imagens, com textos e os contextos de leitura e de encontro com leitores e leitoras que o espaço-tempo específico do livro articula.

Além de explorar as relações entre imagem e página, as imagens em um livro envolvem um percurso. Roni Horn (1995) observa que um livro tem um dentro e um fora e suas publicações de artista são referenciais para pensarmos que cada livro tem um volume e um peso, bem como uma estrutura e um ritmo: vemos a exterioridade de lombada e capa, quando fechado, mas quando o livro se abre, desdobra gradualmente um interior (diferente das imagens, constituídas apenas de superfície, como sinaliza a artista, comentada em Dias (2021)). E como não vemos sem pensar, estamos sempre montando o que vemos com o que já vimos, com o que pensamos, as

expectativas do que receamos, desejamos e/ou desconhecemos, sublinhando a dimensão incontornavelmente relacional da experiência de ler-ver.

Figura 7: Processo de produção artesanal dos exemplares de *Como um tigre que ruminasse* (2019-2021).



Fonte: Fotografias de João Marcos Kill. Arquivo dos autores (2021).

O contexto de leitura e de produção e circulação dos livros vem sendo explorado por artistas nas suas relações estéticas e sociais. A pesquisadora Anne Moeglin-Delcroix (2015) defende que muito do que tem sido rotulado com livro de artista desde os anos 70 encontra mais acurada designação no termo *publicação de artista*, localizando uma proximidade maior com o livreto do que o volume. A palavra livro pode parecer exagerada, ela afirma, quando se refere a materiais impressos como panfletos, cartões, pastas com folhas avulsas, impressos de pequeno formato, livros finos, brochuras grampeadas. Mas não se trata apenas de formato ou de número de cópias: para a autora, estas pequenas edições (ou *small press*) envolvem questões conceituais e políticas

como a facilidade de produzir e circular, a auto-publicação e a reivindicação de uma posição marginal em relação a grandes editoras. Moeglin-Delcroix sublinha em sua análise o poder crítico e o potencial utópico da produção dos artistas com suas publicações, destacando seu caráter contestador e experimental.

Em outras palavras, o florescimento repentino do livro como um meio artístico a partir de 1960 e sua expansão até hoje pode ser explicado pela correlação de três fatores principais: a sua participação nos principais aspectos da mutação nas artes visuais, a solução que ele oferece para substituir a forma tradicional de exposição, assim como o catálogo, e a independência que garante ao artista. (Moeglin-Delcroix, 2015, p. 164).

Referenciando as ideias de Kate Linker, Moeglin-Delcroix ainda acrescenta que estas publicações de artista não tomam o lugar dos livros de arte ou dos livros do mercado editorial, mas se situam ao lado, sem pretensão de substituir, mas na proposta de instaurar mais um outro modo de fazer. A expressão *livro de artista como espaço alternativo*, título do ensaio de Linker, situa as publicações como “um instrumento político ou um modo de reagir a uma série de questões” (Linker, 2012) na arte contemporânea, como uma oposição à dimensão única e objetual da produção de arte, o que demonstra seu alinhamento com a mudança de ênfase para a informação e o processo na década de 1960-70, a contestação da especificidade das linguagens em prol da misturas entre meios e a proximidade entre arte e vida, a crítica à situação comercial e de visibilidade da arte restrita a espaços hierarquizados e separados, como a galeria e o museu, a defesa do espaço público do livro e da ação de tornar público inerente à edição, a democratização da produção com custo baixo, o foco na transmissão, e, ainda a equivalência entre livro e exposição, que toma o espaço impresso como mais um meio para artes visuais.

Na aproximação entre livro e exposição, vale sublinhar que o livro envolve ritmos e relações, numa relação sequencial, acumulativa e intransferível, como toda a experiência. Assim como montar uma exposição, editar um livro envolve propor ritmos e percursos, pausas, relações entre as imagens, os textos, a página e o observador.

Kate Linker traça um histórico recente da ideia central da equivalência entre exposição e espaço impresso na arte contemporânea e sua busca por acessar um público maior e reduzir filtros e intermediários característicos da mediação de outros agentes do contexto artístico, convencionalmente restrito e seletivo, seja em museus, mercados ou revistas. “Se o livro é um meio de transmitir informação, meio distinto da arte por seu custo baixo e acessibilidade, ele também é uma forma histórica direta, informal, rica de associações na consciência pública” (Linker, 2012), acrescentando que “constitutivamente ele [o livro] concentra ao mesmo tempo a exposição, a difusão e a crítica” (*Idem*).

A autora prossegue a reflexão abordando o modo como os livros e publicações de artista, apesar da intenção de cisão com o contexto restrito e especializado da arte e sua ampliação em contextos alternativos, acabaram voltando ao território cuja intenção era a de escapar, visto que as principais instâncias de difusão dos livros situam-se em espaços especializados vinculados ao contexto artístico de museus, suas lojas, feiras e galerias,

do desejo de superar a política dos espaços segregados e de penetrar num público mais amplo, a arte do livro se tornou o que Martha Wilson chama um “artesanato que sobreviveu em uma sociedade tecnológica”. Como todo artesanato, seu alcance se manteve curto e sua circulação em grande parte confinada ao mundo da arte (Linker, 2012).

Somando à correspondência com a exposição, o livro convoca a noção de proposição emblemática das práticas conceituais deste mesmo período que exploraram o acontecimento e a performatividade da leitura.

Nas publicações que desenvolvemos com estudantes, estes aspectos são valiosos, tanto na materialidade e no desenho do livro, quanto na sua estrutura sequencial, que permite experimentar encadeamentos, diálogos, proximidades e distâncias, ressaltando a compreensão do livro como dispositivo e meio de produção de arte e de aprendizado e pesquisa na universidade.

Considerando que nenhuma enunciação é privada, mas toda fala e toda imagem provêm de um contexto, endereçando e nele intervindo, o livro é um outro espaço de montagem de/com as imagens, destacando que não compreendemos o espaço como um recipiente, mas agenciamento de relações. Diferente de um quebra-cabeça, onde cada peça tem um único lugar de encaixe e que traz, como resultado, a formação de uma única imagem, a montagem convoca uma prática de leitura incessante. Para Georges Didi-Huberman (2013; 2018), a montagem (seja escrita, histórica, cinematográfica, editorial), tem uma função política de legibilidade: não só ver, não só mostrar, mas pensar nas condições de interpretação e de visibilidade.

Na relação que os livros estabelecem com os dispositivos de exposição, proposição e publicação no campo da arte, o termo *publicação de artista* procura abranger a reprodução característica do livro e o desejo de um circuito mais inclusivo, potencialmente abrangente e intergeracional. Os livros podem ser fáceis e viáveis financeiramente de produzir, reproduzidos e distribuídos de forma mais ou menos profusa. A tiragem de dezenas ou centenas de publicações permite que sejam distribuídos gratuitamente, incluídos em bibliotecas e/ou comercializados a um preço acessível.

Figura 8: Equipe de trabalho do projeto engajada no processo de produção artesanal dos exemplares de *Como um tigre que ruminasse* (2019-2021).



Fonte: Fotografias de João Marcos Kill. Arquivo dos autores (2021).

É interessante observar que, ao mesmo tempo que são múltiplos e portáteis, os livros têm uma forma íntima: os exemplares são muitos, mas a experiência de leitura é sempre de um para um. Como sinaliza Horn (1995) o livro cabe na mão e envolve o sujeito individualmente, numa relação tátil, de proximidade.

Para finalizar, as práticas de leitura, escrita, edição e de publicação no campo da arte envolvem um contexto de leitura e um meio de exposição, numa experiência associativa, contextual e potencialmente transformadora numa esfera a um só tempo recôndita e pública. A dimensão experimental e utópica da publicação de artista, selvagem como um tigre, nos permite retomar a imagem paradoxal que intitidou nossa segunda publicação e o presente texto, a de um tigre que rumina, ou seja, que como faz um boi na sua lentidão vegetariana processa, assimila, digere.

Agradecimentos

A todas e todos estudantes que participaram do projeto *Escrita em artes* em seus diferentes e mutáveis processos.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CARRIÓN, Ulises. *A nova arte de fazer livros*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

DIAS, Aline, RAYCK, Diego (org.). *É perigoso, ela avisa*. Vitória: PROEX UFES, 2021. Disponível em: <https://escritaemartes.wordpress.com/2022/05/06/e-perigoso-ela-avisa/> Acesso 29 set. 2023.

DIAS, Aline, RAYCK, Diego, YAGINUMA, Yurie (org.). *Como um tigre que ruminasse* (cartas). Florianópolis: Nave; Vitória: PROGRAD UFES, 2019. Disponível em: <https://escritaemartes.wordpress.com/2020/07/03/publicacoes/> Acesso 29 set 2023.

DIAS, Aline; RAYCK, Diego (org.). **Escrita em artes**. Vitória: Edufes, 2019. Disponível em: <https://escritaemartes.wordpress.com/2020/06/12/escrita-em-artes-livro/> Acesso 29 set. 2023.

DIAS, Aline. **Cadernos de desenho**. Florianópolis: Corpo editorial, 2011.

DIAS, Aline. Observações sobre a Escrita em artes (a partir de uma tentativa de estimular que outras pessoas escrevam). In.: DIAS, RAYCK (org.). **Escrita em artes**. Vitória: Edufes, 2019. Disponível em: <https://escritaemartes.wordpress.com/2020/06/12/escrita-em-artes-livro/> Acesso em: 29 set. 2023.

DIAS Aline. Quando eu leio, respiro. **Palíndromo** (online), v. 13, p. 24-42, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou a gaia ciência inquieta**. Lisboa, KKYM+EAUM, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

FLUSSER, Vilém, **Los gestos: fenomenología y comunicación**. Barcelona: Herder, 1994.

HORN, Roni. **Journal of Contemporary Art**. Entrevista, 1995. Disponível em <http://www.jca-online.com/horn.html> Acesso em: 29 set. 2023

LINKER, Kate, Livro de artista como espaço alternativo. **¿Hay en Portugués?** Florianópolis, PPGAV- CEART/UDESC, Edição Experimental, n.0, 2012. Disponível em: http://www.plataformaparentesis.com/site/hay_en_portugues/files/hay_zero_online.pdf Acesso em: 29 set. 2023.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MOEGLIN-DEL CROIX, Anne. Pequenos livros & outras pequenas publicações. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 5, n.9, ano 5, julho de 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/53337/34430> Acesso em: 29 set. 2023.

WOOLF, Virgínia. **O valor do riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Disponível em: www.jca-online.com/horn.html Acesso em: 29 mai. 2021.